

Cinema Pernambucano: Uma viagem pela estética e narrativa dos filmes pernambucanos¹

Aguinaldo Júnio FLOR²

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O cinema pernambucano tem se destacado gradativamente no mercado cinematográfico brasileiro e mundial. Um novo ciclo de produções fílmicas voltou à tona em Pernambuco a partir do filme “Baile Perfumado” de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. Com grande visibilidade mundial, tal fato deu ânimo aos diretores pernambucanos produzirem novas obras e com maior qualidade obtendo um excelente retorno de público e de crítica especializada. Atualmente há um bom número de filmes com alta qualidade estética e narrativa, mas a quantidade de pesquisas acadêmicas sobre o Cinema Pernambucano ainda é incipiente. Esta pesquisa busca colaborar com uma base de dados através de cinco filmes pernambucanos com análise estética e narrativa em filmes que rodaram vários festivais nacionais e internacionais.

Palavras-chave: cinema; cinema pernambucano; fotografia; estética; narrativa.

1. O Cinema Brasileiro

Segundo Barboza (2007) o cinema é um tema muito abrangente e não poderia ser esgotado facilmente. É plausível considerarmos a expressão estética que cada diretor constrói de forma singular em suas obras cinematográficas, a partir deste conceito, ratifica-se a fonte inesgotável de insumos para pesquisas que o cinema pode nos oferecer. O Cinema Pernambucano tem como principal característica, de forma geral, a riqueza cultural que, em muitas situações, o difere de qualquer outra parte do Brasil.

Stam (2013) explica que o cinema herda séculos de tradição artística imprimindo a totalidade da história da arte através de seus textos, citações conscientes e inconscientes, além das combinações e inversões de outros textos produzidos por um conjunto de práticas discursivas de uma cultura por meio de influências identificáveis e por um sutil processo de disseminação.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Graduado em Administração de Empresas, Mestre em Engenharia de Produção, Especialista em Audiovisual na Estácio, e formação em Documentário na Academia Internacional de Cinema e TV. Email: gui@ajflor.com.

Os filmes pernambucanos são laboratórios culturais para quem busca estudar a intensidade de um impacto que a obra poderá provocar em uma sociedade uma vez que, Lipovetsky (1998) informa que uma valiosa obra pode questionar a própria noção de realidade através de uma estética artificial.

Durante a pesquisa, busca-se analisar filmes com características realísticas, de natureza documental, além de filmes que traçam uma linha mais caricata, fantasiosa. Diante da sobreposição do “realismo” e “surrealismo” histórico em obras cinematográficas, se faz possível pensar em estratégias que permitam analisar por diferentes pontos uma obra fílmica, uma vez que a cultura do crítico poderá seguir pelas fronteiras da semelhança e da diferença, identificação e não identificação com a obra. Stam e Shohat (1994) enfatizam que a importância de uma obra não provém da semelhança com o real ou com a verdade, mas sim os discursos ideológicos e perspectivas comunitárias que a obra poderá passar ao espectador.

Durand (2001) explica que o imaginário do ser humano parte de um método baseado em uma lógica binária: falso e verdadeiro. A partir deste entendimento inerente ao ser humano, diariamente inicia-se na sociedade uma busca incessante pela verdade. Refletindo este conceito no mundo do cinema, é possível concluir que o psiquismo passa pelo cinema, permitindo a criação da ficção em torno da loucura em busca de uma tentativa de construção da realidade. Este conceito torna-se fundamental a partir do momento que se fará uma reflexão sobre a identificação cultural da população pernambucana através de seu comportamento e atos corriqueiros.

Vanoye e Goliot-Lélé (2002) explicam que analisar um filme é muito mais do que vê-lo e revê-lo, é examiná-lo tecnicamente, como uma espécie de desmontagem para que seja possível usufruí-lo através de uma descoberta mais detalhada da imagem e do som, aumentando o prazer a cada vez que se revê a obra.

Dado as fortes características culturais e comportamentos regionais, é possível identificar que, cada diretor tem a sua forma de construir sua singularidade autoral através da expressão estética. Metz (1972) explica que a “gramática cinematográfica” é codificada, porém, não arbitrária, que mesmo a motivação ela não tende a fugir de algo natural. A definição de cinema para Greenaway (1993) encaixa-se bem nas expressões cinematográficas de diretores pernambucanos, uma vez que, acredita-se que para um diretor de cinema, a obra é apenas um tronco que se coloca sua escrita, luz, estética e a linguagem.

2. O Cinema Pernambucano

No início do século XX dois italianos, J. Bambièrre e Ugo Falangola, chegaram ao Recife com uma grande novidade. Segundo Figuerôa (2000) informa que a grande novidade foi a realidade capturada por uma máquina. Nesta época, os estrangeiros fundaram a primeira produtora de filmes em Pernambuco, a Pernambuco Film, mais tarde, em 1925, chamada de Aurora Film. O primeiro filme pernambucano teve uma produção de dois anos. Localizada na Rua Nova, a produtora estreou no Cine Royal o filme “Retribuição”. Com o roteiro e direção de Gentil Roiz e fotografia de Edson Chagas, estrelada por Alмеры Steves e Barreto Júnior, está lançada uma nova era pernambucana, o Ciclo do Recife.

Segundo Filho (2006), as décadas de 20 e 30 ocorreram “surto” na produção cinematográfica brasileira. Em Recife entre os anos de 1923 a 1931 foi uma fase de surtos em Recife, no qual foi chamado de O Ciclo do Recife. Tal fase foi o primeiro grande movimento cinematográfico na história do cinema pernambucano, sendo considerado o mais produtivo dos ciclos regionais do Brasil, no início do século XX. Durante este período foram produzidos 13 filmes de ficção em pouco mais de oito anos, envolvendo oito diretores. Mesmo com toda a dificuldade financeira, na época, que iniciava ainda na revelação do filme até a exibição e distribuição, foram constituídas nove produtoras de cinema.

Machado (2000) relata que ainda nos anos 20 foram inauguradas várias salas de projeção em Recife: Cinema do Parque, Moderno, Helvética, Royal entre outras. Porém, o surgimento dos filmes sonoros e as produções hollywoodianas provocaram uma perda de interesse nos espectadores da sociedade Recifense. Figuerôa (2000) explica que mesmo com o cenário vivido, ainda foi rodado o filme “No Cenário da Vida”, lançado em 1931, dirigido por Luiz Maranhão e Jota Soares com fotografia de Edson Chagas, sem sucesso de público, além de “Odisseia de uma Vida” e “Audácia do Ciúme” que permaneceram incompletas, marcaram o fim de uma era de sucesso.

Após o final do Ciclo do Recife, Machado (2004) informa que há o registro de produção de um filme sonoro, “O Coelho Sai”, dirigido por Newton Paiva e Firmo Neto, porém, não há cópia sobrevivente. Até 1969 registra-se ainda alguns documentários filmados no estado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Após esta fase, é possível encontrar algumas adaptações do “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna e “Morte e Vida Severina” do Cabral de Melo Neto, ambos em filmes de 35mm.

Durante a década de 70 surge uma inovação no mercado internacional, Machado (2004) explica que a bitola do Super-8 chegou para revolucionar o mercado mundial de cinema. Não demorou muito para esta nova modalidade de filmagem chegar em Recife. No ano de 1973 um movimento tão importante quanto o Ciclo do Recife surge em Pernambuco, o Ciclo do Super-8 com uma forma inovadora e de cunho nacionalista leva Recife para os principais festivais de curta metragem realizados nas capitais brasileiras. O primeiro festival de filmes Super-8 foi realizado em Curitiba em 1974. Eram 64 filmes e o cinema pernambucano contribuiu com 4 deles: “Caboclinhos do Recife” (Fernando Spencer); “Bajado, um artista de Olinda” (Fernando Spencer e Celso Marconi); “Agórgona Doméstica” e “Vaquejada” (Athos Cardoso e Osman Godoy).

A partir dos documentários do Ciclo Super-8 surge uma nova narrativa nas produções pernambucanas. Uma forte tendência nacionalista e libertadora vem se tornando uma marca registrada dos diretores recifenses. Apesar das dificuldades técnicas, econômicas e políticas, Machado (2004) explica que os produtores conseguiram ultrapassar essas barreiras e mostrar através da arte cinematográfica a autêntica cultura popular nordestina.

Estas características ultrapassaram a linha do tempo dos ciclos e são impulsionadas pelo mesmo sentimento libertário, buscando os mesmos objetivos, objetivando o resgate da cultura regional construindo visão multicultural e aberta nas produções contemporâneas.

O cinema pernambucano voltou ao seu auge com o filme “Baile Perfumado” (1996), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. Esta retomada do cinema em Pernambuco incentivou novas formas de reestabelecer um ciclo próspero do audiovisual. Alguns anos seguintes verifica-se o surgimento de uma nova política pública com o objetivo de fomentar toda a cadeia, desde a pesquisa até a distribuição de produtos cinematográficos.

3. A continuidade do Cinema Pernambucano

O Estado de Pernambuco lançou em 2003 um fundo de apoio cultural chamado Funcultura Audiovisual. Sua principal finalidade é financiar filmes independentes, com este mecanismo é possível viabilizar produções de forma mais contínua, incentivando novos projetos. O programa visa abranger filmes de curta e longa metragem, programas para TV, além de projetos para difusão do tema, como cineclubes, festivais, mostras, pesquisas e formação.

O mais conhecido edital de fomento ao audiovisual em Pernambuco, o Funcultura, é segmentado através da Secretaria de Cultura do Estado, atualmente faz parte de uma política específica para o setor no qual foi reconhecido através das políticas públicas como estratégico para a economia do estado. Os últimos editais e suas respectivas regras são de cunho democrático no qual os proponentes precisam apenas serem cadastrados como produtor cultural do estado.

Anualmente há reuniões com todos os *stakeholders* do setor com o objetivo de discutir e implementar melhorias nos editais seguintes. A partir do edital de 2013, foi implementado uma categoria “Revelando os Pernambucanos” cujo objetivo era contemplar a regionalização da produção cinematográfica do estado com realizações de curta-metragem para mostras e festivais.

Dentre as produções mais conhecidas, é possível citar “Febre do Rato” (2011), dirigido por Cláudio de Assis; “O Som ao Redor” (2012), dirigido por Kleber Mendonça Filho; “Tatuagem” (2013), dirigido por Hilton Lacerda; “Amor, Plástico e Barulho” (Lançamento 2015), dirigido por Renata Pinheiro. “O Som ao Redor”, teve uma repercussão positiva através da crítica nacional e internacional, aumentando a visibilidade do Cinema Pernambucano.

Barros (2014) informa que para o Cinema Pernambucano, o ano de 2014 foi histórico, pois o Edital do Audiovisual é a garantia de um crescimento e da manutenção escalada de sucesso da produção cinematográfica local. Os diretores levaram para Pernambuco vários prêmios como “A História da Eternidade” e “Sangue Azul” ganharam os prêmios máximos nos festivais de Paulínia e Rio de Janeiro, respectivamente. No Festival de Brasília os filmes “Brasil S/A”, “Ventos de Agosto” e o curta “Sem Coração” também ganharam prêmios.

Nos próximos tópicos serão apresentadas algumas produções pernambucanas quanto a sua narrativa e estética revolucionária que vem carregando este estilo fílmico desde o Ciclo do Recife, porém com novas tecnologias e técnicas.

4. Febre do Rato (2011)

Caruaruense, nascido em 19 de dezembro de 1959, Claudio Assis iniciou sua carreira como ator e cineclubista em sua terra natal. A partir de sua estreia como diretor em Amarelo Manga, Assis construiu uma trajetória cinematográfica com um estilo próprio resultando em uma profunda reflexão sobre o comportamento humano. Desde 2002 em sua

estreia como diretor de longas, Claudio Assis vem ganhando prêmios em vários países do mundo.

“Febre do Rato” foi consagrado no 4º Festival de Paulínia como o Melhor Filme. Neste mesmo festival, o filme ganhou oito estatuetas e R\$ 370 mil em prêmios. Com uma construção cinematográfica diferenciada das produções de grandes massas, “Febre do Rato” traz em seu DNA um universo particular com a intenção de chocar o espectador durante a composição da ambientação dos personagens. Baseado em sua própria teoria cinematográfica, em suas produções de baixo custo, quem conhece Claudio Assis reconhece seus filmes ainda no prelúdio do filme.

A fotografia do filme em preto e branco é assinada por Walter Carvalho desde a iluminação da produção, passando pelos planos panorâmicos de Recife chegando as imagens aéreas através de uma visão pouco comum no audiovisual.

A narrativa passa por uma vida comum de uma determinada população que habita a cidade, no qual o grande objetivo é mostrar um sexo instintivo, sem a beleza nobre. Tornando-o uma necessidade básica e libertária de seus corpos para fazer de si o que querem.

Zizo (Irandhir Santos) e todos os seus amigos tem um comportamento fora dos padrões sociais, beirando o anarquismo. Com um comportamento ativista e expressivo, Zizo é um poeta que dedica sua vida ao seu jornal de nome Febre do Rato. As matérias trazem de forma escrita suas ideias, suas propostas anárquicas que valorizam o direito de ir e vir do ser humano sem a necessidade de viver aprisionado às amarras da moralidade impostas pela sociedade.

Uma expressão tipicamente nordestina, Febre do Rato quer dizer estar fora de controle, ao mesmo tempo que o diretor passar a imagem de que Zizo nunca esteve fora do controle, considerando o seu mundo existencial.

Ao conhecer Eneida (Nanda Costa) o mundo de Zizo começa a cair pois há uma atração sexual forte e intensa, ao ponto de mudar toda a rotina do personagem principal do filme. Apesar de interessada no poeta, Eneida o ignora, cria um jogo de “gato e rato” fazendo com que suas necessidades básicas, o sexo, não sejam saciadas, levando o personagem a uma sensação de “Febre do Rato”.

Figura 1- Febre do Rato



Febre do Rato traz uma proposta diferente dos seus primeiros dois longas, uma vez que não há o vilão e o mocinho inocente na história, mas não sai de sua linha de pensamento que é a reflexão para o comportamento humano, suas necessidades, doenças e vícios.

5. O Som ao Redor (2012)

Nascido em Recife no ano de 1968, Kleber Mendonça Filho é crítico e jornalista que vem produzindo uma série de curtas com expressiva notoriedade no audiovisual brasileiro. “Recife Frio” (2009), ganhou o mundo levando vários prêmios e devido ao grande sucesso, chegou a ser lançado em DVD, o que não é muito comum neste tipo de formato de audiovisual. Em 2013 dirigiu o seu primeiro longa ficção, O Som ao Redor, no qual o confirmou no mercado como um diretor promissor no mercado brasileiro e mundial, chamando a atenção dos críticos de cinema do The New York Times.

(...) for much of its running time, a thriller without a plot. The tension that suffuses the routines of everyday life is as hard to identify, as it is to avoid, so that a late swerve toward violence, while surprising, also seems inevitable, the silent turn of an invisible wheel of fate. No one can quite see or hear what is coming, but something is out there, just on the other side of the whatever we think keeps us safe. (SCOTT, 2012)

A narrativa inicia-se com um plano sequência de fotos em preto e branco no qual retratam aspectos duros da vida dos trabalhadores rurais nos latifúndios de Pernambuco. Este plano não surge em vão, o objetivo do diretor é traçar um paralelo com os dias atuais, uma vez que o filme é passado em uma rua no qual um senhor é dono de praticamente todos os imóveis, tendo seus familiares sempre próximos e cuidando dos negócios, ou terras, dele.

A linguagem cinematográfica próxima ao experimental, utilizando-se de técnicas do cine-documentário, o diretor mostra as diferenças econômica-sociais a partir de uma simples reunião de condomínio no qual as reclamações e preconceitos permanecem explícitos nas faces dos personagens.

Para proteger a rua da violência urbana que vem assolando o bairro, chega Clodoaldo (Iranthir Santos) e sua turma de vigilantes para cuidar da noite nas redondezas. Seus serviços agradam o misterioso Francisco (Waldemar José Solha), o dono de grande parte dos imóveis da rua.

Figura 2- O Som ao Redor



O neto de Francisco, o João (Gustavo Jahn) que cuida da imobiliária de seu avô é a expressão de um bom rapaz das famílias de classe média de Recife. Ele se apaixona por uma garota, mostrando a evolução e ao fim o filme não mostra como o relacionamento terminou sem ao menos o público sentir falta desta explicação. A Bia (Maeve Jinkings) tem a principal função de roubar boas risadas e conquistando o público em sua missão de irritar o cachorro vizinho com todo o seu ódio demonstrado por sua excelente interpretação.

Indicado para representar o Brasil no Oscar, O Som ao Redor ganhou prêmios de melhor filme em festivais internacionais como na Polônia, Copenhague, Sérvia e Toronto, a produção deixa claro que seu principal objetivo não é mostrar a vida de personagens, mas sim a rotina de uma classe média recifense.

6. Tatuagem (2013)

Recifense, Hilton Lacerda nasceu em 1965, iniciou o curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, mas não concluiu, em seguida, fez Educação Artística na Universidade Federal de Pernambuco, da mesma forma que o curso anterior, também não finalizou o curso. Seu primeiro trabalho de destaque foi no roteiro de “Baile

Perfumado” dirigido por Lírio Ferreira. Com Cláudio Assis, ele roteirizou “Amarelo Manga” e “Febre do Rato”.

A narrativa de *Tatuagem* mostra o Brasil de 1978, final da ditadura militar, porém ainda atuante. Na periferia de Recife um teatro/cabaré formado por um grupo de artistas, provocam o poder e a moral da sociedade através de espetáculos e interferências públicas. A trupe chamada Chão de Estrelas, liderada por Clécio Wanderley (Iranthir Santos), é formada por intelectuais e artistas divertem as noites de um público predominantemente homossexual através de espetáculos no qual deboçam e anarquizam a resistência da política e do militarismo.

“*Tatuagem*” tem uma linguagem cinematográfica bastante inteligente, livre de qualquer pudor em relação à história do Brasil. A fotografia de Ivo Lopes, por hora escura, por hora clara, não se preocupa em se utilizar de artifícios para esconder a nudez frontal ou amenizar o peso de uma cena de sexo entre dois homens. Com a ideologia de “amor livre”, Clécio faz o Chão de Estrelas um lugar de cenas apimentadas, ásperas e muita música com letras fortes.

A chegada do soldado Arlindo Araújo (Jesuíta Barbosa), um soldado de apenas 18 anos, vindo do interior para prestar serviço militar na capital muda a vida de Clécio por uma paixão arrebatadora. Esta aproximação e sentimentos marcam ambos de uma forma sugerida pelo nome do filme: *Tatuagem*.

Figura 3- Tatuagem



A história de amor dos dois não passa ao público um fato delicado ao abordar um relacionamento homoafetivo. O diretor registra cada cena do casal como se fosse um casal qualquer, se hetero ou homossexual, isso é apenas um detalhe quando o foco da relação está embasado em um forte e incontrolável sentimento.

De forma irreverente e divertida, Hilton Lacerda narra um marco político e sexual do Brasil com naturalidade, provavelmente, fora esta a razão de Tatuagem ser o vencedor dos festivais do Rio e de Gramado, participar da mostra competitiva do Amazonas Film Festival. É visível o amor empenhado pelo diretor nesta produção que provocou tanto barulho pelo Brasil afora.

7. Amor, Plástico e Barulho (2013)

“Amor, Plástico e Barulho”, é o primeiro longa de ficção da cineasta, artista plástica e diretora de arte Renata Pinheiro. Experiente nas áreas de cenários, capas de CDs e direção artística de videoclipes, sua estreia em cinema foi em 1999 com a direção de arte do curta-metragem “Texas Hotel”, de Cláudio Assis. A parceria com o Assis repetiu em Amarelo Manga (2002) e, pela primeira vez atrás das câmeras, em 2009 dirigiu Superbarroco, no qual foi selecionado para a Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes 2009.

A principal mensagem de “Amor, Plástico e Barulho” é apresentar através da Sétima Arte a música brega em Recife. Ambientado no subúrbio da capital pernambucana, o filme conta a história de Jaqueline, uma cantora de brega em fim de carreira que já emplacou grandes sucessos e que agora não aceita o fim de sua trajetória. Em contrapartida, a cantora Shelly fã de Jaqueline e uma jovem dançarina, sonha em ter uma carreira como cantora de brega da banda referência do momento.

Sua narrativa passando por uma curva dramática pesada e escura por trás de um universo repleto de sonhos e anseios mostra o tecnobrega de uma forma não apenas ficcional, mas também, documental. As protagonistas passam uma intensidade forte que transborda a tela com o principal objetivo de contagiar o espectador com as vinhetas, músicas e imagens, propositalmente, de qualidade ruim, mas que, ao mesmo tempo, passa a obscuridade dos artistas do mundo brega. Maeve Jikings (O Som ao Redor) consegue cumprir com a premissa da diretora que é mergulhar em um mundo desconhecido pelo grande público, além de debater sobre questões sociais sem expressar preconceito ou excessos. Nash Laila (Tatuagem), que interpreta a Shelly mostra uma força tão convincente que o espectador sorri e chora em suas cenas que ao mesmo tempo poderia ser identificada ao mesmo tempo como antagonista e vítima de seus sonhos.

A fotografia na maior parte do tempo escura, com cores fortes torna a estética fílmica da produção parte fundamental para ilustrar o submundo que vivem Shelly e Jaqueline. O contraste chega à tela com a felicidade constante e inabalável de Shelly ao descobrir um universo de cores e música, ao mesmo tempo que a escuridão volta ao filme com a depressão desenhada pela decadência da carreira de Jaqueline. Por várias vezes a câmera chega muito próximo ao rosto das duas de forma a tornar o plano claustrofóbico em uma tentativa de expressar os sentimentos e sensações de ambas.

Figura 4- Amor, Plástico e Barulho



Por ser um filme de forte característica antropológica inserido no mundo musical, a trilha sonora é intensa e forte, desenhada pelo Dj Dolores, no qual já trabalhou em Tatuagem que também utilizou fortemente da música para ambientar a narrativa da história.

O filme é curto, apenas 90 minutos de duração, por esta razão, não perde o foco no que se pretende passar com uma marca registrada em intensidade de cores, expressões e intrigas, sem perder o carinho e a paixão das protagonistas.

Durante o Festival de Brasília de 2013, o filme ganhou o prêmio de melhor atriz, melhor atriz coadjuvante e de direção de arte.

8. Permanência (2014)

Em seu primeiro longa-metragem, o jovem diretor Leonardo Lacca estreia conquistou o troféu de melhor filme no Cine PE de 2015 além de ter sido selecionado para o Festival de Munique. Como preparador de elenco ele trabalhou em O Som ao Redor e, anteriormente escreveu e dirigiu o curta-metragem “Décimo Segundo” (2007), no qual ganhou a menção honrosa no Festival Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira e foi inspiração para o seu projeto de sucesso: “Permanência”.

Ivo (Iradhir Santos) é um fotógrafo recifense que passa alguns dias em São Paulo para montar e acompanhar a sua primeira exposição fotográfica individual em uma galeria

de arte. Sem que o atual marido (Silvio Restiffe) de sua ex-namorada saiba de sua história no passado, ele hospeda-se no apartamento dela (Rita Carelli). Ao tocar o interfone no prédio de sua ex-namorada, ela o manda subir e antes de desligar, pergunta se ele ainda tem medo de elevador. Mesmo dizendo que não, sua bagagem sobe sozinha no elevador enquanto ele sobe correndo pela escadaria acreditando que ela não perceberia. Ao escutar o elevador chegar, ela abre a porta e encontra apenas a mala no elevador. O início do filme é marcado por uma câmera sozinha mostrando a mala dentro do elevador com o barulho do elevador subindo, trocando-se de plano para um contrapé de Ivo subindo às pressas os lances de escada.

Ambos na cozinha falando sobre cafés e tapiocas, o pernambucano muito tímido e visivelmente desconfortável com a situação, a narrativa vai passando de forma lenta, sem sobressaltos ou reviravoltas. Com ênfase em uma rotina de personalidade equivalente ao protagonista, as cores do filme são sempre sóbrias, com estilo “lavado” de estética com cores frias e neutras de fotografia contrastada com fundos lisos de paredes esbranquiçadas. Os enquadramentos selecionados pelo diretor são bem simples no qual o protagonista geralmente está no centro ou na lateral esquerda da tela. O roteiro vai mostrando passagens em ambientes externos de forma triste dando a entender que os personagens estão sem rumo e um tanto quanto depressivos, perdidos em uma selva de pedras. A narrativa mostra o sexo, o cigarro, até mesmo o gozo são tristes.

Figura 5- Permanência



Passando por festas sem conhecer ninguém, o protagonista vai perambulando pelas ruas paulistas. Em uma das noites ele conversa com uma funcionária da galeria (Laila Paes) que, talvez na fuga do sentimento por sua ex-namorada, chega a ter um contato mais íntimo com a secretária, no qual as cenas de sexo se vê um semblante depressivo em ambos, como se fosse apenas para matar uma carência afetiva, de relacionamentos, de vida.

O eixo da história gira em torno dos sentimentos e da instabilidade emocional, passando por sensações de solidão, das diferentes formas de se fazer café com essências de incômodo ao estar ao lado de pessoas amadas, mas sem a possibilidade de expressar seus sentimentos e desejos guardados por anos.

Além de todas estas sensações e emoções, a narrativa mostra, ainda, um forte confronto regional entre os paulistanos e a cidade natal do protagonista. Ao se falar das tapiocas, ao questionamento sobre a “cidade maravilhosa” com a resposta irônica do Ivo com uma contra-pergunta se é do Rio de Janeiro que está falando.

Com um estilo europeu de se mostrar quase que em tempo real as ações do filme, o diretor Leonardo Lacca quis mostrar uma história sem final feliz mostrando que dias regados a sexo e drogas não são perfeitos e que a realização de um projeto de sucesso pode lhe trazer satisfação profissional, mas não pessoal.

9. Considerações Finais

O cinema pernambucano mostra que tem não só uma linguagem particular e/ou uma temática obsessiva, mas tem um sistema de produção e narrativa próprios. Os atores Irandhir Santos e Maeve Jikings tem ganhado muito destaque atuando em várias produções de destaque do estado.

O cinema pernambucano tem se tornado cada vez presente no circuito nacional. Há vários realizadores experientes, como Paulo Caldas, Guel Arraes e Lírio Ferreira, mas para esta pesquisa o foco se ateve à produção fílmica de diretores estreantes no mercado de longa-metragem, exceto o Claudio Assis. Apesar de suas primeiras produções, os jovens diretores participaram de filmes dos grandes mestres do audiovisual pernambucano. Desta forma, percebemos que, assim como uma cultura passada por gerações, o estilo técnico e narrativo pernambucano vem sendo disseminado entre os jovens diretores do cinema independente de Pernambuco.

Apesar das diferenças de fotografia, histórias, cores e narrativas, é possível identificar de forma particular uma produção do cinema pernambucano. Apesar de ser um estilo “livre” e independente, todas as produções têm uma identidade “química” que é única.

Esta pesquisa acadêmica busca contribuir com a disseminação desta nova fase do Cinema Pernambucano que é tão promissora, porém, escassa de informações públicas de uma manifestação artística representativa no cinema brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Nelson Alves. **Cinema – arte, cultura, história**. Rio de Janeiro: Nelson Alves Barboza, 1998.
- BARROS, Ernesto. **Cinema local a todo vapor**. Pernambuco: Jornal do Commercio. Caderno C, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- DURAND, Gilbert. **Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- FIGUEIRÔA, Alexandre. **Cinema pernambucano: uma história em ciclos**. Pernambuco: Editora Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.
- FILHO, Paulo C. Cunha. **Relembrando o cinema pernambucano: dos arquivos de Jota Soares**. Pernambuco: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2006.
- GREENAWAY, Peter. **The audience Mâcon**. London: Wales Film Concil, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MACHADO, Regina Coeli Vieira. **Cinema pernambucano**. Pernambuco: Fundação Joaquim Nabuco, 2004
- METZ, Cristian. **A significação no cinema**. Trad Jean-Claude Bernadet. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SCOTT, A. O. **The leisure class bears its burden**. New York: The New York Times, 2012.
- STAM, Robert; SHOHAT, Ella. **Unthinking eurocentrism: multiculturalism and the media**. New York: Psychology Press, 1994.
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. 5ª EDIÇÃO. Campinas: Papius, 2003.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉLÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. 2ª edição. São Paulo: Papius Editora, 1997.

FILMOGRAFIA

Febre do Rato. Direção: Cláudio Assis. Roteiro: Hilton Lacerda. Fotografia: Walter Carvalho. Elenco: Irandhir Santos, Nanda Costa, Mateus Nachtergaele, Juliano Cazarré, Mariana Nunes, Ângela Leal, Maria Gladys. Gênero: Drama. Idioma: Português. 110 minutos. Preto e Branco. Dolby Digital. 2011.

O som ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Fotografia: Fabricio Tadeu. Elenco: Irandhir Santos, Gustavo Jahn, Maeve Jinkings, Waldemar José Solha Irma Brown, Lula Terra, Yuri Holanda, Clébia Souza. Música: DJ Dolores. Gênero: Drama. Idioma: Português. 131 minutos. Color. Dolby Digital. 2012.

Tatuagem. Direção: Hilton Lacerda. Roteiro: Hilton Lacerda. Fotografia: Ivo Lopes Araújo. Elenco: Irandhir Santos, Jesuíta Barbosa, Rodrigo Garcia, Sílvio Restiffe, Sylvia Prado, Ariclenes Barroso. Música: Dj Dolores. Gênero: Drama. Idioma: Português. 110 minutos. Color. Dolby Digital. 2013.

Amor, Plástico e Barulho. Direção: Renata Pinheiro. Roteiro: Renata Pinheiro e Sérgio Oliveira. Fotografia: Fernando Lockett. Elenco: Maeve Jinkings, Nash Laila, Rodrigo Garcia, Samuel Vieira, Leo Pyrata. Música: DJ Dolores e Yuri Queiroga. Gênero: Drama. Idioma: Português. 90 minutos. Color. Dolby Digital. 2015.

Permanência. Direção: Leonardo Lacca. Roteiro: Leonardo Lacca. Fotografia: Fernando Pedro Sotero. Elenco: Irandhir Santos, Rita Carelli, Sílvio Restiffe, Laila Pas, Genésio de Barros, Sabrina Greve. Gênero: Drama. Idioma: Português. 90 minutos. Color. Dolby Digital. 2014.